

Dois machados de bronze

Com esta epigraphie noticiou-se n-*O Arch. Port.*, iv, 88, o apparecimento de dois machados de bronze de caneluras e aselha dupla na quinta da Commenda, em Arcos de Valdevêz. Um d'elles deu depois entrada no Museu (*Arch. Port.*, v, 34). Com maior exacção, poderia hoje encimar-se este artigo com o titulo d-*Os machados da Commenda*, porque, mercê da esclarecida generosidade dos Ex.^{mos} Srs. Dr. Pedro de Brito e João de Brito, donos d'esta bella vivenda, essas duas armas, que appareceram juntas no mesmo esconderijo¹, reuniram-se agora novamente, mas d'esta vez no Museu Ethnologico. Nada ha mais interessante para as collecções paleoethnologicas do que apresentar reunido e completo o que reunido appareceu. Disseminar os objectos de um só achado archeologico é tirar-lhes grande parte do seu valor, inutilizando-lhes toda a significação de chronologia comparativa; é um erro de officio nas pessoas que, incumbindo-lhes evitá-lo, o não evitam, por mal entendida generosidade.

É certo que a importancia d'este facto não é igual para cada caso particular, mas nem por isso deve deixar de ser um ardente empenho das direcções de todos os museus possuir collecções intactas, *fechadas*, se assim posso exprimir-me.

O machado, que agora veio reunir-se neste museu ao seu millenario companheiro, era o que os impios (*impii milites!*) pedreiros quebraram em dois pedaços, como se referiu. É inteiramente igual ao primeiro, devendo ser ambos filhos do mesmo molde. Nenhum d'elles teve uso, como então se disse, porque demais a mais para isso faltava-lhes ainda a amputação de uma excrescencia inutil² para o seu encabamento.

Proveniente ainda do concelho dos Arcos, outro machado foi offercido ao museu pelo Ex.^{mo} Sr. João Candido de Gusmão e Vasconcellos. Infelizmente não está inteiro, mas é do mesmo typo dos da

¹ Martins Sarmiento propunha na *Revista de Guimarães*, v, 158, chamar-se *falso* a cada um d'estes buracos. Realmente na linguagem popular *falso* exprime a ideia de uma cavidade occulta e ignorada, onde cada um pode esconder objectos. Não parece nada extravagante pois, antes muito portuguesa, a terminologia *falso de fundidor*. Chantre distingue entre thesouro (peças novas) e esconderijo (peças usadas); vid. Chantre, *Age du bronze*, II, 68.

² Na *Revista de Guimarães*, *loc. cit.*, Martins Sarmiento entende que a excrescencia dos machados de Bongado seria destinada a equilibrar, pelo seu peso, a outra parte livre da arma. É possivel que de tal se convença, quem examinar os exemplares que existem no museu da Sociedade vimaranense.

Commenda, porque ainda conserva a dupla aselha, o cabo de caneluras e a cabeça de fundição. O gume desapareceu. Aquelle illustrado proprietario salvou-o já nas mãos cupidas de um caldeireiro. Ignora-se o logar do concelho em que foi encontrado.

Com mais estes dois, ha portanto no Museu Ethnologico quatro machados de dupla aselha, todos da mesma região, e nenhum com indicios de uso. (Vid. *O Arch. Port.*, IV, 241).

FELIX ALVES PEREIRA.

Bibliographia

Numisma celtiberico de modelo helmaticense.— por Pereira-Caldas. Separata da *Revista de Guimarães*, XVIII (1901), 156 seqq.

Decifração plausivel de uma inscripção luso-romana da Citania de Briteiros.— pelo mesmo. Separata da *Revista de Guimarães*, XIX (1902), 157 seqq.

No primeiro dos mencionados trabalhos o Sr. Pereira-Caldas occupa-se do conhecido denario iberico de prata, que tem no anverso uma cara barbada, voltada para a direita, com torques no pescoço, e $\times M$ na nuca; e no reverso um cavalleiro a galope, voltado tambem para a direita, com lança em riste, — sob o qual se lê: $\times M A M$. Esta moeda foi achada em Vizella.

O Sr. Pereira-Caldas, baseando-se no *Ensayo sobre los alphabetos* (das medalhas, etc.) de Velazquez, apparecido á luz nos meados do sec. XVIII, attribue o denario á cidade de Salamanca. Vê-se que o erudito professor bracarense não está ao correr dos ultimos progressos da Numismatica iberica, e que não conhece por consequencia os estudos posteriores a Velazquez. Do contrário, elle não viria renovar explicações que foram ha muito postas de parte.

A moeda de que se trata não é de Salamanca, cidade que não cunhou, que se saiba, moedas ibericas; é de Osca. A legenda do reverso significa, segundo o que em estudos recentes se assentou: *klsthn* (talvez = Celsithani); e as letras do anverso significam *kn*. Veja-se sobre este assunto: Heiss, *Description générale des monnaies antiques de l'Espagne*, Paris 1870; Delgado, *Nuevo método*, III, Sevilla 1874, p. 325; Campaner y Fuertes, *Indicador manual*, Madrid-Barcelona 1891, p. 59; Hübner, *Mon. ling. Ibericae*, Berlin 1893, pp. 52 e 229.

É notavel que o Sr. Caldas cite Lorichs, *Recherches numismatiques*, Paris 1852, dizendo: «Corroboram-se estas decifrações litteraes de Velazquez com outras elaboradas á larga no seculo findo (sec. XIX) e lembrarei apenas a Boudard e bem assim a De Saulcy sem esquecer-se de modo algum o singular numismata Lorichs». Ora Lorichs está em desacôrdo com o Sr. Caldas, pois o que no seu livro se lê é o seguinte: «L'on m'a apporté des milliers de ces deniers il faut voir dans ce groupe l'origine